



## **Território Livre: Experimentação Radiofônica Hipertextual<sup>1</sup>**

Thiago Oliveira de ARAÚJO<sup>2</sup>  
Fernanda do Carmo PÔNZIO<sup>3</sup>  
Luiz NEMER NETO<sup>4</sup>  
Maristela Guedes Leão COUTINHO<sup>5</sup>  
Michelly Akemi ODA<sup>6</sup>  
Samanta Martins NOGUEIRA<sup>7</sup>  
Kátia de Lourdes FRAGA<sup>8</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **Resumo**

O presente artigo relata a experiência de criação de um programa de rádio que tenta responder às demandas geradas pela influência das novas tecnologias digitais nas técnicas de produção, na formatação e na recepção de produções em áudio. O resultado foi o *Território Livre*, radiojornal exibido no segundo semestre de 2009, que ao abordar diferentes temáticas com base em uma expressão e suas conexões, busca explorar os aspectos da linguagem hipertextual, já característica da internet, combinada às possibilidades dos modelos de Rádio Digital, emuladas no projeto a partir do uso de um blog.

**Palavras-chave:** radiojornalismo; blog; hiperlink; rádio digital; produção multimídia

### **1. Introdução**

O surgimento da Internet, do celular, dos tocadores de áudio portáteis e de outras tecnologias digitais modificou a forma como produtores de conteúdo audiofônico e os ouvintes encaram o Rádio.

Esse meio, conhecido historicamente por sua agilidade, precisão e proximidade com o público, passa atualmente por uma crise de identidade que vem provocando distorções na maneira como a programação de algumas emissoras no país é estruturada e disponibilizada para o consumo.

Formatos, estilos e a linguagem radiofônica, tanto no entretenimento quanto no jornalismo, estão ficando cada vez mais anacrônicos com o passar do tempo. O público que

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2010, na categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Produção Multimídia (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante de 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: thiago.araujo@ufv.br;

<sup>3</sup> Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: fernanda.ponzio@ufv.br;

<sup>4</sup> Estudante de 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: luiznemer@gmail.com;

<sup>5</sup> Estudante de 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: maristelagleao@gmail.com;

<sup>6</sup> Estudante de 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: michellyoda@gmail.com;

<sup>7</sup> Estudante de 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: samantamogueira@gmail.com;

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho. Professora de Radiojornalismo no curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV, email: katiagrafa@ufv.br;



anseia pelas informações do “último instante” se aconchega no universo dos *microblogs* e do *livestreaming*, ao mesmo tempo em que consomem em uma proporção nunca antes registrada conteúdos extremamente personalizados: as *playlists*, *podcasts* e outras infinitudes de produtos disponíveis a um clique por *download*.

A reação dos conglomerados midiáticos a esses efeitos tem sido confusa e incipiente, assim podemos observar que as mudanças têm ocorrido em maior escala no âmbito do suporte da transmissão do conteúdo. Muitas vezes, nem a formatação, muito menos as práticas de produção e edição são adaptadas aos meios digitais. O que se vê no uso que grande mídia faz da Internet é a mera disponibilização de arquivos de áudio dos programas, as tabelas com a grade de programação, algumas sinopses e a transmissão online da programação em tempo real em seus sites.

Até agora não surgiu nenhuma novidade no mercado radiojornalístico, significativa o suficiente, que dê conta a longo prazo das iminentes e prometidas inovações que o sistema de Rádio Digital deve nos possibilitar.

O uso de imagens e textos, combinados com a famigerada *interatividade*, tem sido aplicados em maior escala no que hoje são conceituadas como *reportagens multimídia*; formato esse característico da internet que explora as capacidades que os conteúdos digitais e os *hyperlinks* concederam ao ambiente online.

Em virtude desse cenário, corroborado pela fala de MEDITSCH (2001, p.3) em “*O ensino do radiojornalismo em tempos de internet*” que aponta que o Rádio “vai continuar existindo, convivendo com a internet, e fortalecido pelas possibilidades abertas com as novas tecnologias”, procuramos em nossas atividades de pesquisa e práticas acadêmicas, desenvolvidas em disciplinas ao longo do curso de Jornalismo, experimentar a criação de um programa que aliasse o melhor das características radiojornalísticas com as possibilidades de inovação dos meios digitais.

## **2. Objetivo**

Em resposta as demandas de produção e veiculação de conteúdos jornalísticos evidenciadas pelo aparecimento das tecnologias digitais, o objetivo foi ultrapassar a criação de uma linguagem radiofônica diferenciada como em outros projetos da mesma área. Concentramos-nos principalmente em mudanças conceituais na formatação e na recepção de um radiojornal experimental inovador; denominado posteriormente como *Território Livre*.



O formato permite a abordagem de diferentes temáticas, com reportagens de interesses locais e globais, pensadas devido ao fato da exibição do programa se dar de forma simultânea pela Radio Universitária FM<sup>9</sup>, em Viçosa<sup>10</sup> (MG) e pelo blog<sup>11</sup> do projeto, capazes assim de atingir públicos diferenciados e desejáveis nessa empreitada.

Procuramos explorar os limites da linguagem *hipertextual*, característica essa intrínseca da internet, criando um programa que conversasse com o ouvinte ao permiti-lo construir narrativas jornalísticas únicas e personalizadas, a partir de conteúdos complementares disponibilizados na *web*.

Ao combinarmos o uso do áudio associado à produção de imagens, vídeos e textos, foi construído um produto multimídia amplo, disponibilizado no blog do projeto, em uma tentativa de emular as possibilidades que o Rádio Digital ensaia disponibilizar.

O desenvolvimento das atividades jornalísticas, entendidas aqui desde as etapas no processo de produção e elaboração de programas noticiosos até a exibição dos mesmos, foi incrementado pelos alunos com o uso da plataforma *wiki* nas práticas de redação de pautas e matérias para o programa; bem como com o rodízio de funções entre os integrantes da equipe, que ora foram âncoras, passando por produtores, repórteres e editores, ampliando a compreensão do processo de finalização de um produto informativo.

Por fim, o programa procura oferecer uma alternativa de conteúdo jornalístico de qualidade ao público viçosense, que carece desse tipo de formato nas emissoras de rádio da cidade.

### 3. Justificativa

O futuro do Rádio, bem como dos outros veículos midiáticos é bastante incerto. Mesmo assim, é possível fazer algumas previsões baseadas em investigações e artigos científicos realizados pela comunidade acadêmica interessada nesse campo de pesquisa.

Aproveitando a característica de memória da Internet, as rádios online (e futuramente também o Rádio Digital) possibilitam o ouvinte a *viver seu tempo individual*. CUNHA (2006, p.6) utiliza esse conceito para definir a capacidade de escolha do público de momentos anteriores na programação da emissora, independentes da transmissão convencional.

---

<sup>9</sup> [www.rtv.ufv.br](http://www.rtv.ufv.br)

<sup>10</sup> Viçosa é uma cidade de 80 mil habitantes, incluindo sua população flutuante de estudantes universitários, localizada no interior de Minas Gerais.

<sup>11</sup> <http://programaterritorialivre.blogspot.com>

Em consonância com esse pensamento, CORDEIRO (2004, p. 447) aponta que “A ligação ao arquivo é uma nova esfera da comunicação, possibilitada pelo online e que vem desvirtuar a instantaneidade da comunicação radiofônica”. Sob essas perspectivas, podemos inferir a produção de conteúdos personalizados sob demanda, independentes do ao vivo das emissoras.

Combinadas essas duas previsões, podemos dizer que o grande diferencial seria a possibilidade de interferência na hierarquização dos conteúdos transmitidos, criando assim programações únicas. Outra possibilidade são as intervenções do ouvinte na estrutura dos programas ainda durante o momento em que são executados.

URIBE (2006, p. 8) vislumbra também nessa linha uma linguagem hipermidiática para o meio em *O rádio digital e o rádio em internet: além das transformações tecnológicas*.

Podemos com base nessa autora conceber um radiojornal que ofereceria a possibilidade de escolha de aberturas, sonoras, pés de matéria e outros elementos de reportagens jornalísticas. Por exemplo, em uma entrevista o ouvinte escutaria o *lead*, podendo escolher entre prosseguir ou não pelo *sub-lead* e passagens, ou ainda quais perguntas gostaria de escutar em uma entrevista, na ordem que preferir.

Em outra frente de investigação, pesquisadores apontam que a convergência de mídias observada na atualidade tem se intensificado de tal forma que as fronteiras que definem os suportes irão a desaparecer.

Podemos verificar isso entendendo os dois principais modelos de radiodifusão digital terrestre. Tanto o IBOC (In Band on Channel) quanto o DRM (Digital Radio Mondiale) utilizam equipamento de rádio que podem possuir uma tela de cristal líquido, aproximando-os do que conhecemos hoje com televisores e celulares. Essas telas serviriam para exibir além da grade de programação convencional, pequenos textos com notícias e imagens, links e outros conteúdos que permitissem a interação do ouvinte com os programas.

#### **4. Métodos e técnicas utilizados**

A estrutura básica de um programa Território Livre se assemelha ao que conhecemos como *Radiojornal* temático, já que BARBOSA FILHO (2003, p. 100) o define como um “formato que congrega e produz outros formatos jornalísticos, como notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas”.



O program demora em média duas semanas entre as fases de produção, apuração, edição até ser finalmente exibido/disponibilizado; envolvendo nesses processos práticas *online* e *offline*.

O ciclo começa com uma primeira reunião entre a equipe, que discute pessoalmente as temáticas que gostariam de trabalhar nas próximas edições. Nesse momento são elaboradas pré-pautas para as reportagens, entrevistas e enquetes, sendo escolhidos também os repórteres e os âncoras da edição. Essas informações são então disponibilizadas em uma plataforma *wiki*<sup>12</sup>, local onde é dada a continuidade do processo de produção das pautas do programa.

A *expressão* trabalhada em cada uma das edições possui um recorte universal, no entanto o critério de escolha da mesma passa pela viabilidade de apuração a partir da realidade de Viçosa, local onde residem os integrantes da equipe do programa; do provável interesse do público na temática; da disponibilidade de fontes e das possibilidades de explorar a palavra em aspectos diferenciados. Essa última condição é elemento chave na consolidação de um programa coeso e inteligente, que desafie o ouvinte a debater as temáticas com amigos e compartilhe suas experiências no ambiente online do blog.

Uma vez escolhida a expressão, os repórteres saem para a fase de apuração da matéria em campo, utilizando desde recursos clássicos como entrevistas presenciais ou por telefone, até gravações realizadas por meio de mensageiros instantâneos<sup>13</sup>. Ao mesmo tempo, os integrantes responsáveis pela ancoragem escrevem uma primeira versão do espelho do programa utilizando a plataforma *Google Docs*<sup>14</sup>, ferramenta essa que abre o documento para contribuições efetivas e instantâneas do restante da equipe. Os âncoras também procuram pela fonte que será entrevistada no programa em questão e elaboram as perguntas.

Durante o processo de apuração em qualquer programa jornalístico muito do conteúdo produzido é descartado tanto pela falta de espaço em sua versão final, quanto pelos critérios que norteiam a edição do mesmo. Já na experiência *Território Livre*, os conteúdos que não seriam utilizados são, na maioria das vezes, disponibilizados na íntegra ou ainda são retrabalhados em produções complementares às matérias apresentadas no programa exibido no rádio. Assim, ainda durante a etapa de apuração, os repórteres

---

<sup>12</sup> As plataformas *wiki* compreendem sistemas abertos de edição e disponibilização de conteúdo na internet. Endereço do *wiki* do programa: <http://territoriolivre.pbworks.com>

<sup>13</sup> Utilizamos Skype e Gtalk e suas funções de *conversa com voz* auxiliados pela gravação dessas no Audacity

<sup>14</sup> Ferramenta que permite a edição colaborativa em tempo real. Endereço: <http://docs.google.com>



preocupam-se também em produzir fotos e textos sobre a experiência de realizar a reportagem, enfocando outros ângulos que o conteúdo exibido não pode contemplar.

A equipe então grava, na penúltima etapa, seguindo a versão final do espelho do programa, as passagens das reportagens, as falas dos âncoras e a entrevista no estúdio de rádio do curso. Cada repórter edita sua matéria, envia para o editor final pela internet e esse constrói o programa a ser transmitido pela rádio e disponibilizado no blog [programaterritoriolivre.blogspot.com](http://programaterritoriolivre.blogspot.com).

Na última etapa, os repórteres e âncoras programam seus conteúdos complementares no blog, de forma que ao final da exibição na rádio seja iniciada uma sequência de posts diários que permitem o tema ser discutido e expandido pelo ouvinte ao longo da semana.

A disponibilização dos relatos de reportagem, de fotos ilustrativas, vídeos explicativos e dos áudios na íntegra além de ampliarem a compreensão do ouvinte sobre os temas trabalhados, revelam também uma nova forma de encarar o processo de produção informativo sob a ótica da transparência. Essa é uma característica valorizada na atualidade pelo público que interpreta e encara os meios de comunicação a cada dia mais com um olhar crítico.

## **5. Descrição dos produtos**

A concepção do Território Livre tem sua origem nas reflexões e atividades realizadas durante as aulas de Radiojornalismo, ministradas no segundo semestre do ano de 2008 no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Como produto final dessa disciplina foi elaborado um programa piloto com o tema *Acreditar*, exibido pela primeira vez em Novembro do mesmo ano na Rádio Universitária FM.

O piloto foi adaptado, enviado e aprovado no conselho de programação da rádio em questão no ano seguinte. Assim, a produção multimídia apresentada se refere aos programas realizados entre os meses de Setembro e Novembro de 2009 e aos posts publicados no endereço [programaterritoriolivre.blogspot.com](http://programaterritoriolivre.blogspot.com) relacionados as oito edições produzidas: *Liberdade*, *Proteção*, *Música*, *Rótulos*, *Diversão*, *Ciência*, *Tempo* e *Energia*, são as expressões que as nomeiam.

Os programas se iniciam geralmente com uma saudação dos âncoras, seguida da escalada de conteúdos da edição. Na sequência apresentam-se os elementos básicos de um

radiojornal, estruturados em uma lógica<sup>15</sup> bastante utilizada nas rádios *all-news*, com algumas pequenas variações: escalada / reportagem / enquete / entrevista / intervalo / entrevista / reportagem / reportagem.

A escolha foi utilizar essa formatação clássica nas edições exibidas na rádio como um guia narrativo inicial para a compreensão do programa. A idéia do projeto era produzir os conteúdos de forma que ouvinte/usuário pela internet (e em um futuro próximo, através do Rádio Digital) pudesse subverter essa lógica, escolhendo a ordem de consumo dos conteúdos em uma lógica narrativa pessoal.

Assim, os grandes diferenciais no Território Livre se dão na forma como os elementos do radiojornal são pensados, apurados e interligados nos programas. Procuramos a todo instante aproximarmos a linguagem radiofônica à *hiperlinkagem*, característica do ambiente online. Para possibilitar esse experimento, o formato se estrutura a partir de temáticas com base em uma expressão e suas improváveis conexões, buscando interconectar as reportagens e entrevistas em torno de um eixo comum que confira o programa a coerência interna necessária para a compreensão de qualquer obra informativa/interpretativa.

Tal qual uma *reportagem multimídia* trabalha com os vários ângulos de um fato para fornecer uma visão ampla sobre um determinado assunto, nossa proposta é explorar os limites dos caminhos que a palavra que nomeia a edição do programa pode levar o ouvinte a navegar. A intenção é que por meio dos recortes feitos pelos repórteres na expressão, provocarmos os ouvintes a visitar na *web* os posts relacionados, aprofundando as discussões que são iniciadas no Rádio.

Ainda nessa linha *hipertextual*, o blog foi concebido como a plataforma digital para os debates, os caminhos e as interpretações do ouvintes/usuário acontecerem, recriando a experiência dos mesmos com o programa a cada edição. Se no Rádio o programa tem uma duração média que varia de 12 a 15 minutos, divididos em dois blocos, na *web* a duração é feita pelo ouvinte/usuário que constrói suas próprias narrativas.

Partindo de uma postagem base publicada no dia da exibição do programa na rádio, o ouvinte/usuário navega ao longo da semana pelos conteúdos complementares que vão desde entrevistas na íntegra, passando por relatos dos repórteres sobre a experiência de apuração, galerias de fotos e vídeos dos locais citados nas reportagens, culminando até em

---

<sup>15</sup> Apenas o programa *Ciência* não segue essa lógica, possuindo formato único.



indicações de postagens externas que ampliam a compreensão do usuário/ouvinte do assunto.

A hierarquização dos conteúdos, tanto na edição-rádio quando na ordem de postagem no blog durante a semana, procura estabelecer uma lógica narrativa que parte da interpretação mais comum da palavra caminhando até as inferências mais distantes da mesma.

## 6. Considerações

O projeto multimídia Território Livre por se dar em plataformas distintas, mas complementares, ofereceu a seus ouvintes/usuários uma experiência multimidiática diferenciada e atendida com as novas mídias, além de permitir a transdisciplinaridade.

Para a criação do programa procuramos apostar na experimentação e nos inspiramos em outras iniciativas de sucesso ao redor do mundo que têm nos últimos anos tentado responder às demandas e anseios de um mercado confuso e incrivelmente mutante.

Sabendo que muitos dos experimentos são ligados ao uso principalmente do vídeo e de fotografias, transportamos nosso olhar para um suporte cuja linguagem está mais próxima da praticada pelo *webjornalismo* e que ainda não possui a atenção merecida.

Outro fator motivador para o projeto foi a realidade de Viçosa. Uma cidade do interior de Minas Gerais, que mesmo atrelada a uma reconhecida universidade sofre - como muitas outras no Brasil - de uma programação radiofônica refém do entretenimento e das faixas musicais.

Nossa intenção com a pesquisa e sua posterior aplicação em um projeto multimídia sempre foi possibilitar a sistematização de um formato de produção e transmissão de conteúdo audiofônico que aproveitasse as possibilidades que as novas tecnologias nos oferecem, reafirmando o papel propositivo que a Academia deve exercer.

Acreditamos que o Território Livre engrandeceu a experiência jornalística e pessoal dos integrantes da equipe, que ao enquadrarem personagens, situações e temáticas muitas vezes negligenciadas pela grande mídia, puderam dar sua contribuição à sociedade, oferecendo destaque a discussões que consideramos relevantes ao nosso tempo.

A recepção do projeto na cidade nos pareceu bastante positiva, e em termos práticos, durante os quase dois meses e meio de exibição na rádio, o blog atingiu a marca de quase 900 visitas únicas.



Entendemos que uma boa parte das mesmas foi obviamente, fruto da divulgação na própria internet; no entanto, nos surpreendemos pelas reações do público nas ruas e no comércio local que comentaram com a equipe sobre as edições e a abordagem das expressões do programa, recompensa essa que ultrapassa em nosso entendimento qualquer métrica.

## 7. Referências bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CORDEIRO, P.. *Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio*. 2004.  
<<http://bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas-velho-meio.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010

CUNHA, M. *Não é mais possível pensar o rádio como antes*. 2006.  
<<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n48/bienal/mesa3.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010

MEDITSCH, E. *O ensino do radiojornalismo em tempos de internet*. 2001.  
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6MEDITSCH.pdf>> Acesso em: 23 out. 2008

SANTOS, G. S. dos. *Leitura em hipertexto: definições e considerações relevantes para a construção de conhecimentos em sala de aula*. 200 <[www.insigne.com.br/sites/artigo\\_hipertexto.pdf](http://www.insigne.com.br/sites/artigo_hipertexto.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010

URIBE, E. V.. *O rádio digital e o radio em internet: além das transformações tecnológicas*. 2006.  
<[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Villegas.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Villegas.PDF)>. Acesso em: 12 mar. 2008